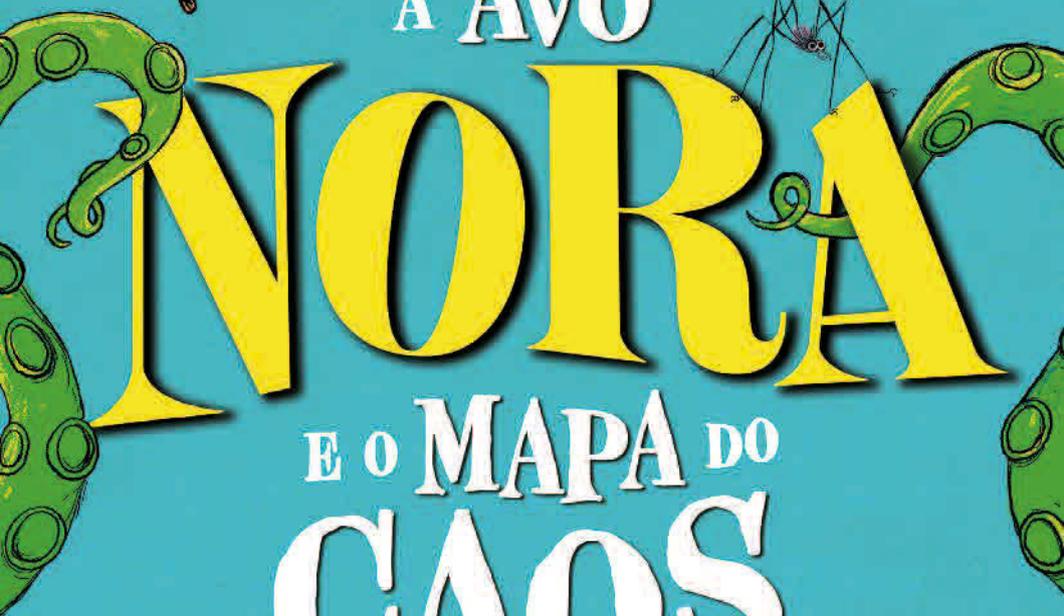




JOSEPH
ELLIOTT

A AVÓ



NORA

E O MAPA DO
CAOS

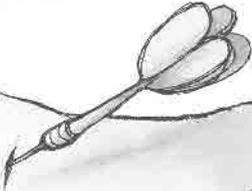
ilustrado por
Nici
GREGORY

nuvem
de
retros





PARA A AVÓ VERMELHA,
TAMBÉM CONHECIDA COMO
JANICE SMITH,
TAMBÉM CONHECIDA COMO G.G.,
TAMBÉM CONHECIDA COMO
BISAVÓ DO JACOB,
DA HENRIETTA, DA JESSICA,
DO OLIVER E DA URSULA.
COM AMOR. J. E.



PARA OS MEUS QUERIDOS
FILHOTES, MONSTROS
CRIADORES DE CAOS...
VOCÊS SABEM QUEM SÃO.
SIM, ESTOU A FALAR
CONVOSCO, COLIN,
GEORGIE E LOTTIE.
BEIJINHOS. N. G.

Ei! O que pensas que estás a fazer?

Sim, estou a falar contigo.

Eu disse que podias ler este livro? Não, é óbvio que não disse. Então tira esse narizinho metediço dos meus assuntos e para de ler JÁ.

Hum, porque é que viraste a página?? Não te disse para desapareceres?!

Bem, se vais ficar por aí, então é melhor falar-te um pouco de mim. Não tenho total falta de boas maneiras, sabes, ao contrário de *certas* pessoas que conheço (tu).

Chamo-me Nora. Vivo na casa de campo que fica no cimo da colina. Provavelmente, já passaste por ela e admiraste os meus gerânios. Se não o fizeste, devias ter feito, porque são deslumbrantes.

Como vês, sou muito querida e incrivelmente charmosa. E que mais queres saber?

Como? Queres saber quantos anos tenho?!

Não consegues ouvir-me, mas... Até Estou Engasgada.

Não devias fazer perguntas tão MAL-EDUCADAS, por isso não tenho intenção de te responder.

O que te vou dizer é o seguinte: posso ser velha, mas não sou uma dessas velhotas fofinhas e enrugadinhas

que fazem cachecóis de tricô, como vês na televisão. Ah, não. Se pudesses ver-me agora, talvez disseses qualquer coisa como «Uau, és tão fixe. Adoro o teu cabelo. Onde compraste esse casaco de cabedal? Não será um bocado cedo para estares a beber caipirinhas a esta hora?», etc.

Sim, eu sou *essa* pessoa de idade.

E agora que já sabes um pouco sobre mim (e eu não tenho interesse nenhum em saber nada sobre ti), sugiro que nunca mais falemos um com o outro. Portanto, fecha este livro já, e vai cada um à sua vida.

Fim.



Só podes estar a brincar comigo...

PORQUE É QUE AINDA AÍ ESTÁS?!

Eu estava a preparar-me para frisar o cabelo e ir até ao casino.

Pronto, pronto, tudo BEM. Desta vez, ganhaste. Se não paras de ler, então tenho de continuar a falar. (Não penses muito na lógica disto, que o teu cérebro ainda é capaz de explodir.)

A minha proposta é esta: vou contar-te uma história, mas é toda sobre MIM. E a primeira coisa que tens de saber é que é absolutamente, 100%, juro-por-todos-os-santos-e-diabos, completa e totalmente verdadeira.

Há algumas partes no meio em que vais ficar, tipo: «Sim, sim, boa, Nora, mas é impossível que isso tenha mesmo acontecido.» Mas eu juro-te que ACONTECEU. Posso ser muitas coisas, mas mentirosa não sou.

→ Não sei porquê, mas agora parecia o Yoda. Um Jedi também não sou.

Esta história começa com uma menina, um rapazinho e uma senhora mais velha e muito chique que, feita tola, concordou em tomar conta deles (eu).

Tenho a certeza de que estás a perguntar-te como é que eu — uma mulher inteligente e independente — acabei a tomar conta de duas pequenas doninhas. Bem, porque são os meus netos, pelo que não tive alternativa. Tecnicamente, são os meus *bisnetos*, mas dizê-lo faz de mim uma *bisavó*, e isso faz-me parecer **aterradoramente** velha, portanto, não vamos por aí.

Estas crianças são propriedade do meu neto, o Liam. Ele é um jovem artista *muito* talentoso e teve de ir a Estocolmo para combinar uma exposição numa galeria armada-ao-pingarelho. Eu nunca consigo dizer-lhe que não, por isso, quando ele me perguntou se eu podia ficar com o Artur e a Aurora por alguns dias, é claro que disse que sim — uma decisão de que me arrependi bastante. Muitas vezes.

— O que estão aqui a fazer?! — perguntei-lhe na manhã em que o Liam e o Niko apareceram para os deixar.

→ Agora vou voltar atrás no tempo, para quando a história começou. Vê se acompanhas.

— Concordaste em tomar conta dos miúdos, lembra-te? — disse o Liam.



Claro que me lembrava, mas pensei que, se fingisse que me tinha esquecido, talvez pudesse fazê-los mudar de ideias.

— Mas a Mavis tem uma nova piscina de hidromassagem e convidou-me para ir lá experimentá-la e tomar uns aperitivos — queixei-me.

Houve um momento incómodo em que ninguém falou. O Liam fez um olhar penoso ao Niko.

— Está bem, está bem, entrem — disse eu por fim.

Entraram todos para o meu pequeno átrio.

— *Efharistó*, Yaya Nora, obrigado — disse o Niko, e beijou-me nas duas bochechas. O Niko é o marido do Liam. É 50% grego, 50% iraniano e 100% lindo.

— Não te esqueças de que o Artur não gosta de milho doce, a Aurora é alérgica a cavalos e temos uma política rigorosa de «não há ecrãs depois das sete da tarde» — disse o Liam, pousando duas grandes malas ao pé da escada.

— Sim, sim, sim — respondi, sem dar muita atenção ao que ele estava a dizer. Por mais que adore o Liam, ele gosta muito de complicar.

— Pronto, tenho de ir, ou vou perder o voo — continuou ele. — Voltamos amanhã à noite, por volta das sete.

— Vão lá, então — disse eu, enxotando-os em direção à porta. — Digam adeus aos papás, meninos.

— Adeus, papáááááás! — gritou a Aurora, naquele tom irritante em que as crianças pequenas gostam de falar.

— Adeus, pai. Adeus, papá — disse o Artur, mal tirando os olhos do telemóvel.

— Não, isso para mim não chega — disse o Niko, e apertou o Artur nos seus longos braços.

— Ai, abraças com muita força, papá!

— É à maneira grega. É para mostrar o quanto te amo. — Deu um grande beijo na testa do Artur e depois pegou na Aurora para um abraço de despedida.

— Também tenho direito? — perguntei.

— Claro, *Yaya*, o maior abraço é para ti.

O Niko deu-me um abraço apertado (o que foi muito querido), e depois o Liam também me abraçou e voltou a agradecer-me.

A seguir, beijou e abraçou o Artur, e depois a Aurora deu um abraço ao Liam, e não queria largá-lo, e eu lá tive de pegar nela ao colo e de lhe dar outro abraço... Resumindo, houve uma carrada de abraços até que o Liam e o Niko acenaram uma última vez e foram-se embora.

Fechei a porta e, de repente, depois de toda aquela confusão das despedidas, ficou tudo muito silencioso na minha pequena casa. O Artur estava embrenhado no seu telemóvel — que fazia uns entediantes sons de *ping* —, e a Aurora corria para cima e para baixo no corredor, chegando a dar cabeçadas na porta da frente.

Senti uma sensação de arrepios no estômago, como se estivesse cheio de camarões a dançar o vira lá dentro. Era a sensação de que tinha cometido um erro. Um grande erro.

Era a primeira vez que tomava conta das duas crianças sozinha. O Niko tinha uma conferência em Birmingham no mesmo dia em que o Liam tinha de estar em Estocolmo, e foi assim que acabei por ficar com eles às costas. Nunca consigo lembrar-me bem do que faz o Niko, mas é algo relacionado com o meio ambiente.

Basicamente, ele é uma das pessoas que nos vai salvar quando as calotas polares derreterem e o mundo desmoronar, o que — ao ritmo a que vamos — parece que vai acontecer mais cedo do que tarde.

— Tenho de fazer cocó — disse a Aurora, a olhar para mim com os seus olhos grandes e inocentes, como se tivesse acabado de dizer que me amava. Mas aqueles olhos não me enganavam.

— Bem, já sabes onde é a casa de banho, não é? — respondi-lhe, e apontei para a porta que fica debaixo das escadas.

— Depois, tens de me limpar o rabinho.

Os camarões que tinha dentro do estômago começaram a dar saltos mortais triplos. Sou demasiado velha e demasiado digna para andar a limpar o rabinho sujo de meninas pequenas.

— O teu irmão não pode tratar disso? — Olhei para o Artur.

Ele levantou os olhos do ecrã por tempo suficiente para abanar leve e pesarosamente a cabeça, dirigindo-se a seguir à sala de estar e atirando-se para cima do meu sofá estampado de leopardo.

Isto diz-te praticamente tudo o que precisas de saber sobre o Artur e a Aurora, mas, resumindo:

Artur: 10 anos. Molengão. Irritante.
Sempre no telemóvel.

Aurora: 3 anos. Mexerica. Irritante.
Precisa de ajuda para limpar o rabinho.



Agora já percebes porque é que eu estava receosa de passar todo o fim de semana com eles? Claro que, naquele momento, ainda não fazia ideia de quão catastróficos iam ser os dois dias seguintes...

→ *A propósito, isto foi um pequeno teaser — é uma coisa para manter a tua curiosidade, caso estejas a ficar entediado com esta parte em que não aconteceu nada a não ser muitos abraços.*

Não te vou contar todos os pormenores (malcheirosos), mas a verdade é que a Aurora fez o seu cocó (muito, *muito* malcheiroso. O que comerá esta miúda?!), e eu sustive a respiração e lá a limpei. Não te preocupes, não vou contar aqui todas as vezes que alguém fizer cocó nesta história, mas neste caso pareceu-me necessário. Há outro episódio com muito cocó que aparece mais à frente, mas, mais uma vez, só o refiro porque ele faz parte integrante da história. Se tens aversão a grandes montes de cocó, sugiro que saltes as páginas 243–248.

A seguir, a Aurora informou-me de que estava com fome. Em vez de simplesmente o dizer, como faria qualquer criança normal, avisou-me abrindo todas as portas dos meus armários da cozinha e batendo-as, enquanto cantarolava: «Onde estão as bolachas?! Onde estão as bolachas?! Onde estão as bolachas?!» À medida que avançava, ia cheirando as prateleiras, como um cão de caça.

Eu tinha acabado o meu último pacote de nozes de gengibre na noite anterior, pelo que ela teve de se contentar com bolachas de água e sal (de que não gostou) cobertas com ameixas em calda (das quais gostou um pouco de mais). As ameixas tinham sido um presente de Natal do tio Edward há cerca de oito anos, e a Aurora encontrou-as ao investigar o fundo do armário das quinilharias. Estavam fora de prazo há um par de anos, mas isso não pareceu incomodá-la.

Ela estava a meter a última colherada na boca quando ouvimos alguém bater à porta com força. O meu primeiro pensamento foi que era o Liam ou o Niko — até tive uma arritmia com a possibilidade de poder devolver logo as crianças —, mas nenhum deles bateria com aquela força. Na verdade, nunca ninguém tinha batido com aquela força à minha porta, e, portanto, era óbvio que Não Eram Boas Notícias.

— Está alguém a bater à porta — disse a Aurora, arrastando um pouco as palavras. Deu um soluço e caiu da cadeira. Espreitei para o rótulo do frasco das ameixas e descobri que, afinal, estavam encharcadas num conhaque bastante forte. Que sarilho.

— Abres a porta, por favor? — pedi ao Artur, pegando na Aurora e voltando a sentá-la na cadeira.

O Artur resmungou e suspirou para me deixar claro o quanto estava mal impressionado comigo por obrigá-lo

a largar o telemóvel, mas fez o que lhe pedi. Quando souberes quem estava à porta, vais perceber que eu nunca deveria ter pedido a um rapazinho de dez anos que a fosse abrir.

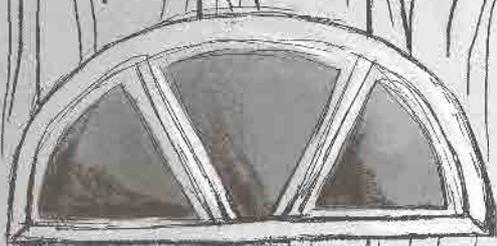
Felizmente, quando o Artur lá chegou, a pessoa já se tinha ido embora, mas tinha deixado algo para trás...

— Hum, Bisa, há qualquer coisa na tua porta — disse o Artur, da entrada.

→ *Bisa é como o Artur e a Aurora me chamam. Significa «bisavó», mas aqui não dizemos essa palavra, lembra-te? Além disso, esta nota lateral está a dar cabo da tensão dramática do momento.*

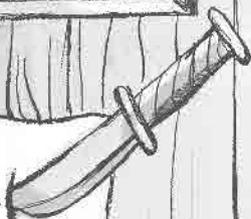
Saí da cozinha e dirigi-me para a porta. A Aurora veio atrás de mim, a encalhar nas paredes e a tropeçar no candeeiro do corredor. O Artur estava parado, com a porta da frente aberta, e olhava para um bilhete que lá tinha sido pregado. Com um punhal.

O punhal era do comprimento do meu braço, tinha um cabo dourado e uma lâmina curva, e alguém o tinha enterrado na madeira (estragando completamente a pintura). O bilhete que lá estava preso era breve e ia direito ao assunto. Em letras pretas e grossas, dizia:



EU SEI
ONDE MORAS.
DEVOLVE-ME
O QUE É MEU ATÉ
AO NASCER DA LUA DE
AMANHÃ, OU HAVERÁ
CONSEQUÊNCIAS.

x





Capítulo 2

↳ Pela expressão da tua cara (que, a propósito, nem sequer combina contigo), imagino que estejas a pensar: *Porque é que este é o Capítulo 2, se não houve Capítulo 1?* Para ser sincera, até me admira que tenhas reparado. Simplesmente, é assim, 'tá? Quando comecei, não sabia que ia falar o suficiente para precisar de capítulos. Houve aquelas páginas todas em que eu estava a tentar livrar-me de ti e tu não percebeste a indireta, lembras-te? Portanto, vamos assumir que o bocado anterior foi o Capítulo 1 e agora este é o Capítulo 2. Quem sabe se o próximo não será o Capítulo 7, para te baralhar ainda mais. Eu gosto de infringir regras, habitua-te. Posso continuar agora?

Arranquei o punhal e peguei na carta.

— De quem é? — perguntou o Artur.

— Não faço ideia — respondi.

— O que querem? — perguntou a seguir o Artur.

— Não faço ideia — repeti. — Tenho a certeza de que é só uma brincadeira, ou talvez alguém tenha deixado isto na porta errada, por engano.

— Quem quer que tenha sido não parece muito amigável.

— O que te deu essa impressão: o bilhete ameaçador ou o punhal enorme?

O Artur apertou os lábios, pegou no telemóvel e, logo a seguir, esgueirou-se para dentro de casa.

Eis outra coisa enervante nas crianças: não se limitam a dizer coisas parvas, mas quando as fazemos ver como são parvas, também ficam todas sensíveis e chateadas. Não tenho tempo para isso.

A Aurora estava aos meus pés, a tentar chegar ao punhal que eu tinha na mão.

— Quero brincar com a espada — disse ela.

— Nem pensar! Depois da quantidade de ameixas com conhaque que acabaste de comer, não te confiava nem uma colher de chá.

O que me fez pensar em colheres de chá, o que me fez pensar em chá, o que me fez pensar em como seria bom tomar uma chávena de chá. Então, fui à cozinha e fiz um chá para mim. O chá ajuda-me sempre a acalmar os nervos em situações angustiantes. Já o usei muitas vezes, como daquela vez em que bebi três *Coca-Colas Cherry* e não consegui parar de arrotar durante uma

semana, ou da vez em que, sem querer, fiz explodir o porquinho-da-índia do meu vizinho...

➤ Não te preocupes, a pequena criatura sobreviveu, mesmo tendo o nome mais ridículo que já se ouviu no mundo. Quer dizer, quem no seu perfeito juízo chama ao seu porquinho *Lord Fofuseo*? E o pobrezinho também é excepcionalmente feio. Não estou

a brincar; parece um chinelo que se vomitou a si mesmo.

O chá ajudou. A seguir, eu tinha de decidir o que fazer com o bilhete. Uma coisa era certa: as crianças não estavam seguras em casa.

— Ratinho, Despenteada, peguem nos casacos, vamos embora — disse-lhes.

➤ É assim que lhes chamo: a Aurora é a Despenteada, porque tem sempre o cabelo num oito, e o Artur é o Ratinho, porque quando nasceu parecia um rato. Quando inventei estes nomes, estava a tentar chateá-los, mas aconteceu que ambos gostam bastante deles.

— Embora para onde? — perguntou desinteressadamente o Artur.

A Aurora veio a correr da cozinha com os braços esticados.

— Sou um avião! — gritou ela.



— Não, és uma menina chata com os braços esticados. Agora veste o casaco, ou quem espetou aquele punhal na porta da rua vai voltar e cortar-te a cabeça.

Sim, talvez tenha sido um bocado exagerado, mas funcionou. A Aurora vestiu o casaco sem dizer mais nada, portanto... *bah*.

— Ei, Ratinho, larga o telemóvel e veste o casaco.

— Isto é importante — respondeu ele, sem levantar os olhos.

— Mais importante do que lebares uma punhalada na cabeça?

(Bem, se a ameaça funcionou com a Aurora, posso voltar a tentar, não?)

O Artur franziu a testa como uma sandes espalmada enquanto tentava perceber se eu estava a falar a sério ou não. A Aurora achava que o punhal deixado na minha porta era um brinquedo, mas o Artur era suficientemente inteligente para saber que não era, que era verdadeiro.

— Estamos em perigo? — perguntou ele.

— Se isso te fizer levantar o rabo e sair mais depressa, então, sim, estamos.

Isto pareceu funcionar. Vesti o meu casaco de cabedal e saímos os três apressadamente da vivenda. Estava uma manhã luminosa de primavera e o Sol brilhava, mas ainda havia um toque de frio no ar.

— Bom dia, Nora — cantarolou o Sr. Pompa, da casa ao lado. Estava parado no relvado da frente, a acariciar o porquinho-da-índia-chinelo-vomitado.

— Bom dia, Percy — respondi.

— O *Lorde Fofusco* também diz bom dia — disse ele, levantando a criatura no ar.

— Estou-me nas tintas — respondi.

Foi assim que a conversa acabou.

Pensei em irmos na minha mota, mas a Aurora ainda cambaleava imprevisivelmente por causa das ameixas em conhaque e, conhecendo a minha sorte, o mais provável era ela cair, portanto decidi que o melhor era irmos a pé. Não estávamos longe da minha loja. Lá, estaríamos seguros — pelo menos por enquanto.

Sou dona da florista da rua principal. Talvez já lá tenhas ido. Chama-se Nora em Flor. Eu sei, é um nome genial.

→ *Se não percebes a graça, pede a alguém mais inteligente do que tu que te explique; é mesmo genial.*

Na verdade, primeiro inventei o nome, há muitos anos, e gostei tanto dele que decidi ser florista, embora não soubesse quase nada sobre flores e tivesse uma grave alergia ao pólen. Acontece que sou superrespetacular a fazer arranjos florais e, portanto, correu

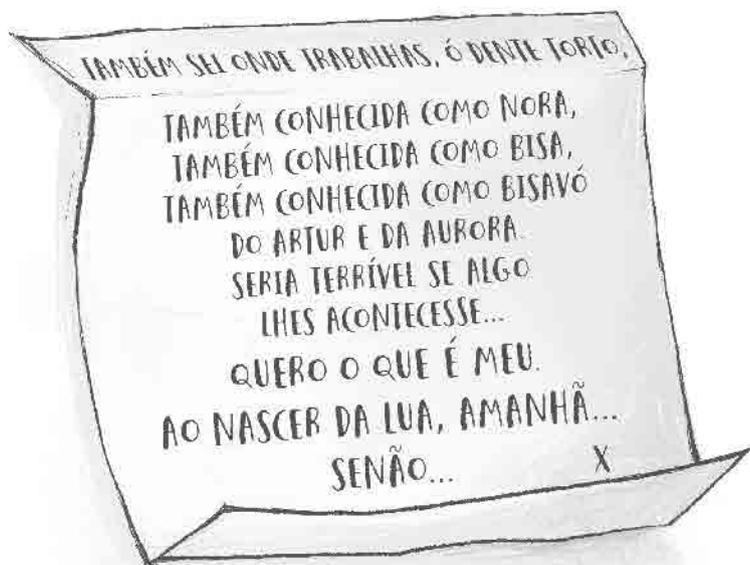


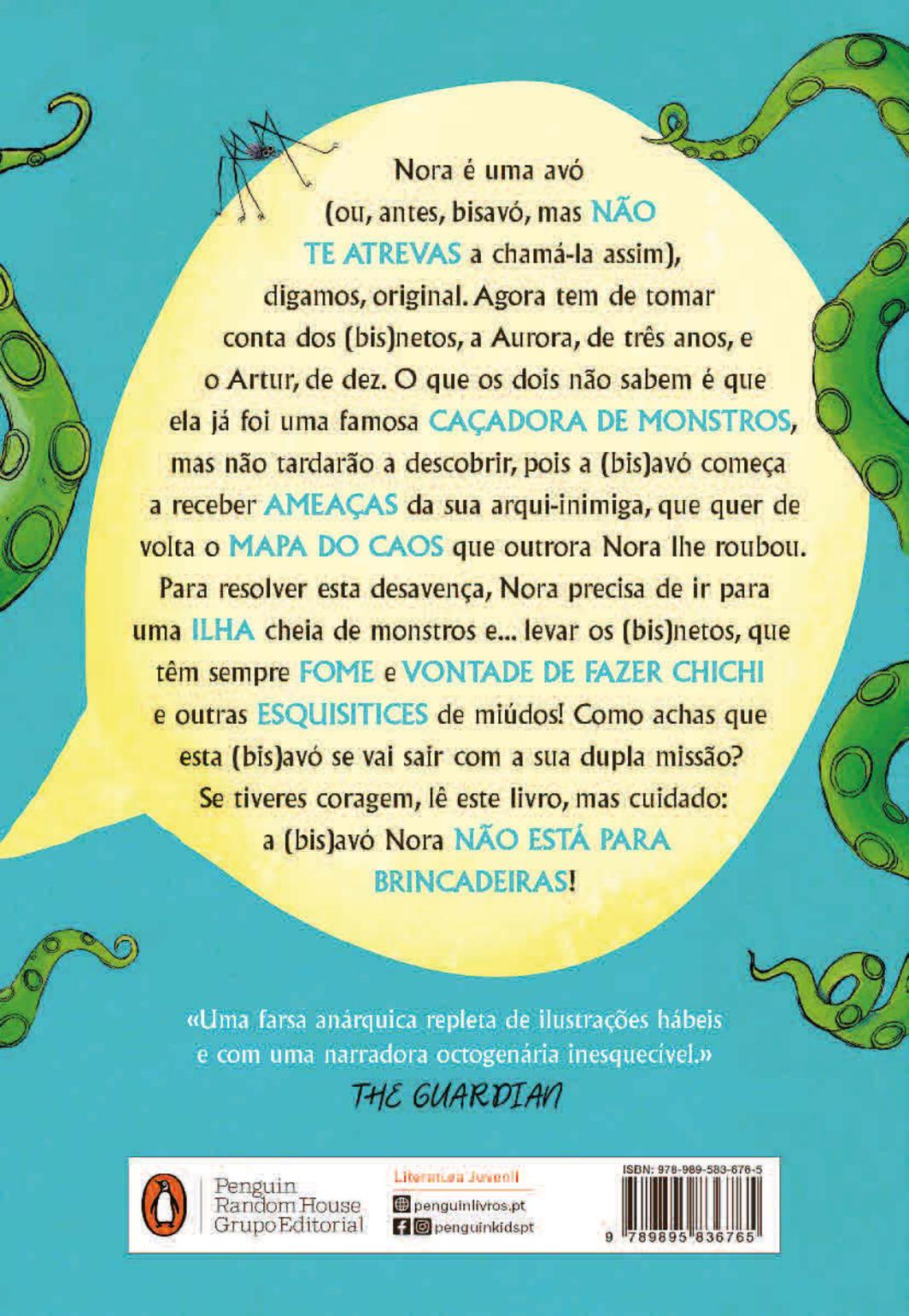
bem. As mortes são a minha especialidade. Se precisares de alguém para escrever um nome só com crisântemos, vem falar comigo.

À medida que nos aproximamos da loja, qualquer coisa muito parecida com um vômito subiu-me pela garganta. Na verdade, tenho quase a certeza de que era um vômito. (Sinceramente, que mais poderia ser?) Engoli de novo.

A razão para a náusea foi o punhal que vi espetado na porta da florista. Era exatamente igual ao que tinha sido deixado na minha casa e tinha um bilhete parecido lá pendurado. (Dois trabalhos de pintura estragados num dia. *Grrr.*)

Quando chegámos lá perto, arranquei o bilhete da porta sem tirar o punhal. Dizia assim:





Nora é uma avó
(ou, antes, bisavó, mas **NÃO
TE ATREVAS** a chamá-la assim),
digamos, original. Agora tem de tomar
conta dos (bis)netos, a Aurora, de três anos, e
o Artur, de dez. O que os dois não sabem é que
ela já foi uma famosa **CAÇADORA DE MONSTROS**,
mas não tardarão a descobrir, pois a (bis)avó começa
a receber **AMEAÇAS** da sua arqui-inimiga, que quer de
volta o **MAPA DO CAOS** que outrora Nora lhe roubou.
Para resolver esta desavença, Nora precisa de ir para
uma **ILHA** cheia de monstros e... levar os (bis)netos, que
têm sempre **FOME** e **VONTADE DE FAZER CHICHI**
e outras **ESQUISITICES** de miúdos! Como achas que
esta (bis)avó se vai sair com a sua dupla missão?
Se tiveres coragem, lê este livro, mas cuidado:
a (bis)avó Nora **NÃO ESTÁ PARA
BRINCADEIRAS!**

«Uma farsa anárquica repleta de ilustrações hábeis
e com uma narradora octogenária inesquecível.»

THE GUARDIAN



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

ISBN: 978-989-583-676-5



9 789895 836765